

**Poéticas e políticas do fim na América Latina contemporânea:  
o que vem depois do fim?**

**Poéticas y políticas del fin en la América Latina contemporánea:  
¿qué viene después del fin?**

**Poetics and politics of the end in contemporary Latin America:  
what comes after the end?**

Alejandra Francisca Bottinelli Wolleter<sup>1</sup>

André Cabral de Almeida Cardoso<sup>2</sup>

Rejane de Souza Ferreira<sup>3</sup>

Logo no início de seu estudo *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*, Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro (2015) afirmam que é preciso levar a sério os discursos correntes sobre o fim do mundo, vendo neles uma tentativa de criar uma mitologia adequada ao presente, ou seja, um exercício de pensamento que permitiria dar sentido à nossa vivência do contemporâneo, marcada pelo sentimento do declínio – pelo menos no que diz respeito a uma chamada civilização ocidental que se pretende universal desde pelo menos o Iluminismo. Para Danowski e Castro (2015, p. 24-33), a “civilização global”, “nome arrogante para a economia capitalista baseada na tecnologia dos combustíveis fósseis”, enfrenta uma

---

<sup>1</sup> É professora associada do Departamento de Literatura da Faculdade de Filosofia e Humanidades da Universidade do Chile. É autora de *Nación y cultura en el Brasil finisecular. La Troya de barro contra la república: Os Sertões, de Euclides da Cunha* (2022) e co-organizadora de *Cuerpo y Violencia: Literatura y Arte Contemporáneos en Latinoamérica* (2022). Foi pesquisadora do Käte Hamburger Centre for Apocalyptic and Postapocalyptic Studies da Universidade de Heidelberg, onde desenvolveu a pesquisa “The Body at the Boundaries of the End of Time” (2021-2022). Atualmente atua como pesquisadora nos projetos “Disaster Writing and the Pink Tide in Latin America: Venezuela, Argentina and Bolivia (1999-2019)” (Fondecyt, Chile) e “Poéticas e Políticas do Fim na América Latina Contemporânea” (CNPq, Brasil). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6850-4825> Correo electrónico: [alejandra.bottinelli@u.uchile.cl](mailto:alejandra.bottinelli@u.uchile.cl)

<sup>2</sup> Doutor em Literatura Comparada pela New York University e mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. É professor associado de Literaturas em Língua Inglesa na Universidade Federal Fluminense, onde também atua no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura. Lidera o grupo de pesquisa “Distopia e Contemporaneidade” e coordena o projeto “Poéticas e Políticas do Fim na América Latina Contemporânea” (CNPq, Brasil). É bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq-Nível 2. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5519234534029741>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5596-2157>.

<sup>3</sup> Realizou estágio Pós-doutoral em Estudos Latino-americanos na Universidad de Chile (2026) e em Estudos de Literatura na Universidade Federal Fluminense (2022), o primeiro com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, via o projeto “Poéticas e Políticas do Fim na América Latina Contemporânea”. É Doutora e Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás, onde também se licenciou em Letras Português/Inglês. Teve apoio da CAPES durante seu doutorado sanduíche na University College Dublin (2013). É professora associada de Literaturas de Língua Inglesa na Universidade Federal do Tocantins, onde também atua no Programa de Pós-Graduação em Letras. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2762142240750530>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2561-4581>. Email: [rejaneferreira@uft.edu.br](mailto:rejaneferreira@uft.edu.br)

ameaça inédita, pois já vivemos uma profunda desestabilização do sistema biofísico da Terra que representa uma ameaça concreta para a sobrevivência da espécie humana (apenas uma dentre tantas outras espécies que correm o risco de desaparecer num futuro não muito distante). De fato, pela primeira vez estaríamos diante da possibilidade de que as próximas gerações tenham de “sobreviver em um meio empobrecido e sórdido, um deserto ecológico e um inferno sociológico” (Danowski; Castro, 2015, p. 33).

Levando em conta não só a possibilidade do fim, mas também as ansiedades relacionadas à expansão global do capitalismo neoliberal, Robert Tally Jr. (2024) observa que vivemos numa época de monstros e propõe jocosamente a substituição do termo Antropoceno por *teratoceno* para nomear a era atual. Para Tally Jr. (2024), esse aspecto monstruoso estaria ligado, em parte, à dificuldade de compreender o sistema capitalista como um todo, ou de enxergar com clareza as diversas forças que afetam o indivíduo, de modo que os processos envolvidos na globalização e seus efeitos teriam se tornado praticamente incognoscíveis. Trata-se, portanto, de uma questão de escala: a monstruosidade evocada por Tally Jr. diz respeito a um sistema de produção que segue a lógica de um crescimento ilimitado, de tal modo que ele parece estar correndo o risco de sucumbir sob o seu próprio peso – ou, antes que isso ocorra, de consumir o planeta inteiro para manter o seu funcionamento.

No texto “Bodies Tumbled into Bodies”, que serve de introdução a uma das duas partes que compõem a coletânea de ensaios *Ghosts of the Anthropocene: Arts of Living on a Damaged Planet* (2017), é também a figura do monstro que Anna Tsing, Heather Swanson, Nils Bubandt e Elaine Gan escolhem como a mais adequada para refletir sobre o Antropoceno. Os monstros representariam os diversos entrelaçamentos que caracterizam a vida na era atual, desde as relações simbióticas que tornam possível, por exemplo, a existência dos corais, até as consequências negativas que resultam de nossas próprias interferências no meio ambiente, do qual nunca nos tornamos efetivamente autônomos. Além disso, os danos ambientais decorrentes da ação humana, com seus desdobramentos imprevisíveis, teriam tornado a natureza estranha. A imagem dos monstros nos ajudaria a compreendê-la melhor, chamando a atenção para a rede de interconexões que a caracteriza, corroendo a suposta centralidade da espécie humana e problematizando a noção de individualidade, que se perde num emaranhado de entrecruzamentos (Tsing et al., 2017).

É ainda uma ideia de monstruosidade que parece dominar a descrição que Isabelle Stengers faz de Gaia como “cega e indiferente”. Vista como um planeta vivo e, portanto, como

um ser em si mesma, Gaia é temível, uma mãe irritável, que apenas tolera a nossa presença e, portanto, não deve ser ofendida – no entanto, o que todas as observações científicas indicam é que, na era do Antropoceno, o limite de tolerância de Gaia já foi ultrapassado (Stengers, 2015). É nesse sentido que Stengers se refere a uma intrusão de Gaia, que se dá através dos efeitos inesperados causados pela interferência humana nos incontáveis processos que a constituem. Esses efeitos não destruiriam Gaia em si, que continuaria a existir e se reconstituiria de uma nova maneira, mas podem vir a eliminar a nossa espécie, junto com tantas outras com as quais compartilhamos o planeta. Para Stengers (2015), a intrusão de Gaia estabelece um novo tipo de entidade transcendental, incomensurável e muito além do plano humano, sem capacidade de arbítrio ou noção de justiça e a qual é inútil apelar. Desse modo, não se trata apenas de questionar a fé em um progresso ilimitado, calcado numa sistemática instrumentalização da ciência com o objetivo de obter um domínio completo sobre a natureza e sobre amplos segmentos da sociedade humana, como Adorno e Horkheimer já apontavam em sua *Dialética do Esclarecimento* (1944). Tampouco se trata apenas de condenar a lógica de funcionamento do capitalismo tardio, cuja ação essencialmente predatória, calcada no extrativismo, caminha em direção ao esgotamento dos recursos naturais e ao aprofundamento das alterações climáticas. O que Stengers chama de intrusão de Gaia diz respeito também à constatação, agora incontornável, de que estamos inseridos em processos de longuíssima duração, que se estendem muito além da permanência da espécie humana sobre o planeta. Se, como as discussões em torno do Antropoceno indicam, nos tornamos um agente geológico, isso significa que passamos a agir numa escala que ultrapassa em muito aquela em que se dão as atividades (e os cálculos) de nossa vida social e existência cotidiana. Como Dipesh Chakrabarty (2014) argumenta, o aquecimento global antropogênico implica o entrelaçamento da história da civilização industrial moderna com a história da evolução da vida sobre a Terra e a história do sistema planetário como um todo – três histórias que funcionam em temporalidades completamente distintas. Essa necessidade de lidar simultaneamente com escalas de tempo em princípio incompatíveis gera, segundo Chakrabarty, fissuras em nosso pensamento, organizado até agora para funcionar em uma escala mais familiar e mais estreitamente humana.

Tanto a imagem devastadora de um futuro reduzido a um deserto, evocada por Danowski e Castro (2015), quanto a noção de monstruosidade associada ao Antropoceno por tantos outros pensadores têm uma função analítica e retórica. Elas expressam o senso de urgência diante das transformações ambientais que já se fazem sentir hoje e que provavelmente

se tornarão ainda mais dramáticas num futuro próximo. Ao buscar um efeito de choque, são também um enfático sinal de alerta e um chamado à ação, mesmo diante de um horizonte que se mostra sombrio. Por outro lado, são também um testemunho da nossa dificuldade de pensar a respeito do Antropoceno em si, da nossa inserção no planeta e da possibilidade real do nosso fim. Em um mundo em que a catástrofe já parece ter chegado sob a forma da interligação de diferentes crises, incluindo o fortalecimento do autoritarismo em nível global e um ressurgimento de formas agressivas de imperialismo (Ware, 2024), pensar sobre o presente é também pensar sobre o fim. Por outro lado, também se pode dizer que a ideia do fim fornece uma perspectiva através da qual seria possível pensar sobre o presente.

O objetivo desta edição especial da revista *Porto das Letras* é justamente levar adiante uma reflexão desse tipo, a partir das diferentes maneiras como a possibilidade do fim se apresenta diante de nós hoje. Pretende-se, assim, de fato levar a sério diferentes discursos sobre o fim, como propõem Danowski e Castro (2015), encarando-os, mesmo em sua dimensão ficcional, como tentativas de encontrar uma resposta para uma crise que não é só ambiental, política, econômica ou social, mas também epistemológica. Indagar o que vem depois do fim implica lembrar que os fins raramente são absolutos – algo sempre resta, seja na forma de memórias, resquícios ou novas maneiras de viver. Implica também chamar a atenção para a instabilidade da própria ideia de fim, seus diversos matizes, suas ressonâncias culturais e políticas, seus diferentes sentidos.

Os artigos aqui reunidos são fruto, em grande parte, das discussões conduzidas ao longo do *II Seminário Internacional do Projeto “Poéticas e Políticas do Fim na América Latina Contemporânea” – O que vem depois do fim?*, realizado na Universidade Federal do Tocantins, *campus* de Porto Nacional, entre os dias 25 e 27 de junho de 2025. Esse evento tinha como propósito reunir os diversos pesquisadores envolvidos no projeto e promover a troca de ideias e experiências entre eles e a comunidade ligada à UFT, incluindo docentes, estudantes e o público externo. A opção por realizar o seminário na UFT – uma das instituições parceiras no projeto – se deu pelo fato de Porto Nacional estar localizada em um território marcado pela rápida expansão da fronteira agrícola, que desestruturou dramaticamente formas de sobrevivência tradicionais, e de a cidade ainda sofrer os impactos da construção da Usina Hidrelétrica Luís Eduardo Magalhães, que alagou boa parte de seus bairros históricos, deslocando um número significativo de seus habitantes e eliminando algumas de suas comunidades vizinhas. Porto Nacional, portanto, é um testemunho vivo de várias experiências

de fim e de muitas questões relacionadas à crise ambiental, ao extrativismo e às repercussões do passado colonial latino-americano que eram de interesse do projeto.

O projeto “Poéticas e Políticas do Fim na América Latina Contemporânea”, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq através do “Edital MCTI/CNPq nº 14/2023 – Apoio a Projetos Internacionais de Pesquisa Científica, Tecnológica e de Inovação”, envolve uma colaboração entre a Universidade Federal Fluminense (UFF); a Universidade Federal do Rio Grande (FURG); a Universidade Federal do Tocantins (UFT); o Colégio Pedro II, *campus* São Cristóvão, no Rio de Janeiro; a Universidad de Chile, em Santiago; e a Pontificia Universidad Católica de Valparaíso. Seu objetivo central é investigar diferentes manifestações da ideia de *crise* – e sua expressão mais radical na noção de *fim* – na literatura e nas artes visuais contemporâneas em países latino-americanos, tendo em vista uma história compartilhada de colonização, autoritarismo, expropriação de recursos naturais e extermínio de populações nativas. Parte-se da hipótese de que a linguagem artístico-literária configura não só um meio de resistência ao ressignificar práticas e materiais, mas também uma modalidade válida de conhecimento. Busca-se, assim, promover o estudo comparativo de obras brasileiras e chilenas, sem descuidar de outras produções da América hispânica, permitindo o intercâmbio de saberes a partir de tradições culturais e teóricas diversas, ao mesmo tempo em que se enfrenta o desafio de reconhecer afinidades e criar processos de cooperação voltados para a realidade local.

Esta edição especial da *Porto das Letras* inclui um dossiê com análises que abarcam a produção cultural de diferentes países da América Latina e de outras regiões, buscando a articulação do global com o regional. Assim, o artigo que abre este número, “Poéticas negativas mais ao sul: reflexões sobre a literatura do Antropoceno na América Latina”, de Marina Pereira, abarca textos do Brasil, do Chile e da Argentina – os livros *Os substitutos* (2023), de Bernardo Carvalho, *Quando deixamos de entender o mundo* (2020), de Benjamín Labatut, e *Distância de resgate* (2014), de Samanta Schweblin – para elaborar uma reflexão abrangente a respeito de como a América Latina ainda é afetada por ações predatórias decorrentes de uma visão de progresso voltada para o lucro e uma noção deturpada de desenvolvimento que despreza qualquer consideração ética. Trabalhando sobre o tropo do fantasma, Pereira examina como as convenções do horror e do gótico são articuladas nesses textos para representar uma realidade em que os dilemas do Antropoceno surgem associados à herança colonial do continente e sua posição ainda marginalizada na ordem global. Dessa forma, o artigo delinea um presente

latino-americano constantemente assombrado pelo passado, no qual as violências do processo de colonização e da aplicação de uma ciência instrumentalizada permanecem como questões a serem elaboradas.

As práticas extrativistas ocupam novamente um lugar central em “Herdar apocalipses: representações da colonização e do Antropoceno na literatura brasileira contemporânea”, de Ana Rüsche e George Augusto do Amaral. O artigo parte da ideia de que o apocalipse costuma, na verdade, descrever o fim de um mundo específico, e não a aniquilação do mundo em sua totalidade, a fim de discutir diferentes experiências de fim representadas na literatura brasileira contemporânea. Focando na leitura dos romances *Não verás país nenhum* (1981), de Ignácio de Loyola Brandão, *A morte e o meteoro* (2019), de Joca Reiners Terron, e *A extinção das abelhas*, de Natália Borges Polesso (2021), Rüsche e Amaral traçam os diferentes aspectos tomados pela ficção apocalíptica brasileira nas últimas décadas, desde a releitura da ditadura civil-militar, até a denúncia do extermínio continuado dos povos originários, da prevalência ainda hoje de uma lógica colonial no país, dos efeitos desastrosos de práticas extrativistas e do entrelaçamento da degradação ambiental com a degradação da democracia. Discute-se, assim, como essas narrativas se utilizam da sátira para desenvolver uma consistente crítica política.

Já em “Uma poética dos rios”, Celia Pedrosa analisa o poema “A meditação sobre o Tietê”, de Mário de Andrade, em conjunto com os livros *O gosto amargo dos metais* (2022), de Prisca Agustoni, e *Entre costas duplicadas desce um rio* (2022), de Guilherme Gontijo Flores. Pedrosa propõe que nessas obras há a construção de um rio-poema, “figura ao mesmo tempo espacial e temporal” que, deixando de ser um simples objeto a ser contemplado, se liberta do olhar antropocêntrico que o reduzia a uma paisagem a ser dominada. Assim, se os rios evocados por esses poemas se veem ameaçados pela degradação ou pelo fim, eles se tornam também agentes de constantes recomeços, em movimentos de ir e vir que misturam história, memória, ancestralidade e uma temporalidade não humana, criando uma “ecologia estranha”, uma “sobrenatureza”. Desse modo, a “relação de vida e morte com o rio adquire um valor que funde o histórico ao físico e cósmico [...] criando um novo modo de universalidade que aproxima modos de vida os mais dessemelhantes” – o que só é possível quando a própria imagem do rio põe em xeque a noção de humanidade ao despertar o inumano dentro de nós.

Em “Quando a última árvore cai: um debruçar sobre *Não verás país nenhum*”, por sua vez, Fabrício Rezende Bitencourt retoma o romance de Ignácio de Loyola Brandão sob a ótica das Humanidades Energéticas e da ecocrítica para analisar a representação do colapso

ambiental e simbólico em um Brasil distópico, em que a dissolução dos elos sociais sob um regime autoritário e corrupto se reflete na desintegração moral dos personagens. Segundo Bitencourt, Brandão constrói uma narrativa que ultrapassa a denúncia, estabelecendo um pacto de escuta e resistência que convida à reflexão ética sobre a urgência de repensar a relação humana com a Terra, antecipando muitas das discussões que seriam desenvolvidas mais tarde pela ecocrítica. *Não verás pais nenhum*, assim, ataca os abusos do crescimento predatório, apontando para a interdependência das crises ecológica, política e social. A atmosfera “meffítica” que permeia o romance, com toda a sua carga sensorial, seria uma poderosa maneira de criar uma “estética do desconforto” da qual o leitor tem dificuldade de escapar. O romance de Brandão, portanto, funcionaria como “um convite filosófico a habitar e pensar o irrespirável”, sem deixar de apontar para espaços de resistência através do pastiche.

Partindo do princípio de que vivemos em um contexto global marcado pela crise climática, a desigualdade e a alienação capitalista, Marion Garolera Rosales argumenta, em “Anémonas y Lombrices: Esperanza Cuir y Temporalidades en dos Novelas Latinoamericanas de Ciencia Ficción Apocalípticas”, que hoje a utopia assume um papel crucial para a transformação social. Através da análise de dois romances contemporâneos – *La Mucama de Omicunlé* (2015), de Rita Indiana, e *El gusano* (2018), de Luis Carlos Barragán – a partir de um marco crítico “cuir”, Garolera discute como essas narrativas contrabalançam temporalidades apocalípticas com a “esperança cuir” em contextos distópicos caribenhos e latino-americanos, entrelaçando crises ecológicas, sociais e corporais, ao mesmo tempo em que desafiam a linearidade do tempo e propõem formas alternativas de sociabilidade e resistência. Com protagonistas que encarnam “um nomadismo sexual e de gênero”, os romances enfatizam corpos que representam a dissidência sexual, enquanto dão espaço a maneiras de viver mais próximas às dos indígenas, contrapondo dessa forma outras possibilidades ontológicas ao modelo capitalista.

Em “Discurso sobre o fim em redes de dizeres literárias, midiáticas e digitais: uma análise discursiva”, Damião Francisco Boucher e Thiago Barbosa Soares oferecem uma abordagem alternativa à questão do fim ao discuti-la do ponto de vista da Análise do Discurso. O artigo analisa o discurso escatológico disseminado em diferentes meios, incluindo o cinema e a literatura, tomando como seus principais objetos de estudo o livro *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019), de Ailton Krenak, e artigos da revista *Exame*. De acordo com Boucher e Soares, esses discursos se multiplicam através da retomada constante de dizeres anteriores e de

sua ressignificação em diferentes materialidades, numa construção simbólica em que o fim é simultaneamente constante e cíclico. Assim, se as noções de fim são construídas historicamente, as diferentes elaborações imaginárias em torno dessa ideia ajudariam a explicar o presente, uma vez que elas comportam tanto tentativas de legitimar a exploração quanto a reafirmação de diferentes formas de resistência.

É também na chave da resistência ou da busca de novas alternativas que Jade Arbo analisa o romance *To Be Taught If Fortunate*, em “Para além da crise capitalista da ciência: o sublime ecofeminista de *To Be Taught If Fortunate* (2019), de Becky Chambers”. Arbo argumenta que o capitalismo financeiro introduziu uma crise na ciência ao privilegiar uma produção de conhecimento pautada pela busca de rentabilidade, eficiência e acumulação. O romance de Chambers, por outro lado, levantaria a possibilidade de outras epistemologias que deixariam de lado práticas extrativistas em troca da empatia e do cuidado. A narrativa se oporia à instrumentalização da ciência para privilegiar a experiência relacional com a alteridade. *To Be Taught If Fortunate* trabalharia com a ideia daquilo que Arbo chama de “sublime ecofeminista”: “uma experiência de maravilhamento que não afirma o triunfo ou a superioridade do sujeito sobre o mundo, mas a humildade, a relacionalidade e a abertura ao outro”.

A ideia de crise surge mais uma vez em “Entre a criação e o abismo: *Frankenstein* e os limites do humano”, de Maria Vitória Azevedo da Silva e Adriana Carvalho Capuchinho. Aqui, porém, mais do que uma crise da ciência, trata-se de uma crise da própria noção de humanidade. Articulando as perspectivas da ecocrítica e dos estudos decoloniais, o artigo argumenta que o corpo fragmentado da criatura, construído a partir de restos de cadáveres, funciona como símbolo do desenvolvimento científico-tecnológico sob o capitalismo, desprovido de considerações éticas e de qualquer tipo de responsabilidade. Além disso, ao se tornar um marginal por ser considerado sub-humano, o “monstro” de *Frankenstein* representaria também o processo de desumanização a que foram submetidos os sujeitos das Américas. Desse modo, o romance de Mary Shelley continuaria sendo fundamental para se pensar os limites do humano e da ética no contexto da modernidade. Longe de ser uma exceção, a criatura “monstruosa” representaria a lógica exploratória que caracteriza a ciência moderna, o capitalismo e o colonialismo, que se articulam em um sistema que nos empurra para a catástrofe.

O problema da relação entre produção, violência e responsabilidade também ocupa uma posição central na argumentação de Rubén Carrasco Labbé em “Antiespecismo y trabajo

emocional em *De ganados y de hombres* de Ana Paula Maia”. O artigo discute como o romance *De gados e homens* provoca uma reflexão ética sobre a exploração animal ao questionar o especismo e o carnismo. Carrasco descreve o matadouro como um espaço biopolítico de violência e exploração, onde corpos humanos e animais compartilham vulnerabilidade e desgaste. Com base no conceito de “trabalho emocional” de Jacobsson e Lindblom, segundo o qual emoções como compaixão, culpa, indignação e horror podem gerar engajamento político e moral, Carrasco discute como a obra de Ana Paula Maia assume a posição de uma crítica política ao mostrar como a rotina mecânica da matança revela a naturalização da violência industrial e a transformação da vida em mercadoria. *De gados e homens* tornaria visível, então, a violência estrutural da agroindústria e a ligação entre exploração animal, precarização humana e silenciamento emocional. Assim, o romance pode ser lido como uma crítica ética e política ao antropocentrismo, convidando o leitor a questionar as formas de produção, consumo e destruição da vida no contexto do Antropoceno e das múltiplas crises contemporâneas.

Mais uma vez, a violência é um dos temas do artigo “‘Zonas inabitáveis’: o abjeto em cronotopos de duas novelas curtas de Marina Closs”, de Rubén Castro Torres. O texto destaca como as obras da escritora argentina Marina Closs rompem com o regionalismo tradicional ao representar o Chaco e outras províncias periféricas como espaços de violência, exclusão e conflito identitário. Concentrando-se em uma análise das novelas “Cuñataí o de la virginidad” e “Demut o de la paciencia”, da coletânea *Tres truenos*, Castro utiliza o conceito de cronotopo, de Mikhail Bakhtin, para mostrar como, nessas narrativas, espaço e tempo se fundem de modo a representar as províncias como lugares atávicos, marcados por violência patriarcal e por tradições opressivas. O próprio corpo feminino é interpretado como um “cronotopo”, pois ele também se configura como um espaço-tempo em que se inscrevem as marcas da dominação, do trauma e da exclusão. Dialogando com autoras como Julia Kristeva, Gayatri Spivak e Rita Segato, Castro argumenta que as protagonistas vivem processos de abjeção e subalternidade que desestruturam suas identidades. A obra de Marina Closs, portanto, subverteria as convenções da literatura regional ao converter a região periférica em “uma zona crítica onde a língua, o corpo e a experiência feminina desestabilizam qualquer noção essencialista de identidade ou território”.

É em torno de outra experiência, desta vez a da escuta, que Macarena Mallea constrói seu argumento em “La experiencia de Gabriela Mistral en Brasil: tres variaciones de la escucha”. Mallea se concentra no período entre 1940 e 1945, quando Gabriela Mistral viveu

no Brasil como cônsul chilena e consolidou sua imagem como intelectual transnacional. Para Mallea, é importante enxergá-la não só como poeta e professora, mas também como pensadora política e articuladora cultural. Ao mesmo tempo em que Mistral se consolidava nesses papéis, sua experiência no Brasil teria exercido uma grande influência na construção de sua sensibilidade, processo em que a “escuta” ocupou um papel central. Essa escuta aparece em três dimensões: na jardinagem, na observação da natureza e na audição do rádio. A relação com o mundo vegetal e os ofícios manuais revela uma valorização da cultura rural, operária e comunitária, enquanto a escuta do rádio simboliza uma abertura ao sofrimento global e à dimensão coletiva da história. De fato, segundo Mallea, a preocupação política de Mistral se manifesta em textos que escreveu para diversos jornais, nos quais criticava a neutralidade de alguns desses veículos diante da Segunda Guerra Mundial e denunciava as desigualdades sociais e a pobreza rural no Chile. Em Mistral, a escuta atenta se configuraria como uma maneira de imaginar possibilidades para depois do fim em um contexto de extrema crise.

Em “Os rios que atravessam a Cidade da Cultura: um ensaio sobre Porto Nacional no Antropoceno”, Fernando Mayer Pelicice ancora a discussão sobre os efeitos do Antropoceno na esfera local através de um estudo de caso a respeito dos rios que passam pela cidade de Porto Nacional. Pelicice chama atenção para as diversas ligações entre sociedade, cultura e natureza que ajudam a configurar o Antropoceno. Desse modo, a degradação dos rios e, por conseguinte, dos ambientes naturais da cidade, se faz acompanhar da desestruturação de sua cultura. Ao deixar de ser a Cidade da Cultura para se tornar a Cidade do Agro e Cultura, Porto Nacional se coloca na ponta da fronteira agrícola em detrimento de sua memória, de suas tradições e de seu vínculo com o meio ambiente, que formam as bases de sua identidade. Para Pelicice, a crise socioambiental que Porto Nacional já vive implica uma “estagnação da Natureza e das almas” e se constitui em um verdadeiro risco existencial.

O fim, portanto, não se limita ao extermínio da vida, mas também de conhecimentos, modos de viver e culturas. É para esse aspecto do fim, já vivido há séculos no Brasil, que Rúbia Lúcia Oliveira chama a atenção em “O avanço do extermínio do conhecimento tradicional: impactos e urgência do resgate epistemológico”. Oliveira nos lembra que o sequestro de milhões de africanos e sua escravização no Brasil se apoiaram no apagamento brutal de sua cultura, seus saberes e suas formas de se relacionar com o mundo. No entanto, em meio às diversas rupturas que se fazem sentir no Antropoceno, se torna essencial resgatar esses conhecimentos e práticas tradicionais não só como forma de restaurar culturas que têm uma

importância própria, mas também como estratégia de sobrevivência coletiva. Para Oliveira, esse resgate deve se dar em várias frentes, desde a retomada de técnicas menos predatórias de cultivo, até a assimilação de formas mais harmônicas de se relacionar com a natureza, além do desenvolvimento das possibilidades oferecidas pela arte, que nos põe em contato “com o real em sua densidade e mistério, devolvendo ao mundo uma espessura ética e estética que a técnica, sozinha, não pode oferecer”.

O dossiê temático “Poéticas e políticas do fim na América Latina contemporânea: o que vem depois do fim?” se encerra com o relato de uma experiência que mais uma vez estabelece uma ligação entre o global e o local. Uma das atividades centrais do projeto “Poéticas e Políticas do Fim na América Latina Contemporânea”, a qual assegurava o seu caráter extensionista, foi a realização de oficinas de cianotipia no Colégio Pedro II, *campus* São Cristóvão, no Rio de Janeiro; em duas das universidades parceiras, a Universidade Federal Fluminense e a Pontifícia Universidad Católica de Valparaíso; e nas escolas estaduais Ana Macedo Maia e Marechal Artur da Costa e Silva em Porto Nacional, sob o convite e supervisão da Universidade Federal do Tocantins, também parceira no projeto. A cianotipia é uma técnica de captura de imagem, semelhante à fotografia, desenvolvida na primeira metade do século XIX. Ela envolve a exposição de uma superfície de papel tratada com reagentes químicos que, expostos à luz do sol, geram um pigmento azul cuja intensidade depende do seu grau de exposição. Desse modo, qualquer objeto ou negativo colocado sobre o papel cria imagens em tons de branco nas áreas em que bloqueiam a incidência do sol. O texto “Noções de crise e fim em mundos (com)partilhados: reflexões em duas escolas de Porto Nacional-TO”, de Thaís Valéria Guimarães dos Santos, Sileide Cunha Damacena Almeida e Rejane de Souza Ferreira, descreve como se deu o curso de extensão homônimo, desenvolvido nas duas escolas de Porto Nacional já mencionadas. Como proposto no projeto, o curso envolveu a discussão, junto a estudantes e docentes, da temática do fim com base em textos teóricos e literários, sob a supervisão da Profa. Dra. Rejane de Souza Ferreira, da Universidade Federal do Tocantins. O curso culminou na criação de cianótipos a partir de desenhos produzidos pelos(as) alunos(as) que expressassem suas visões do fim, tanto em nível planetário, quanto em nível local, a partir das memórias de sua própria cidade. O curso não só promoveu a interação entre a UFT e as escolas públicas de Porto Nacional, como ofereceu a estudantes da Educação Básica a oportunidade de refletir sobre questões prementes da contemporaneidade, como a crise

climática, as práticas extrativistas do capital e a degradação do meio ambiente, a partir de suas próprias vivências situadas.

Além do dossiê temático, esta edição da *Porto das Letras* traz uma seção livre que inclui quatro artigos. No primeiro deles, “Escritas negras urbanas como forma de representação da resistência antirracista”, Daniella Corcioli Azevedo Rocha e Wellengton Campos de Araújo discutem manifestações culturais urbanas que funcionam como formas de resistência negra ao racismo. Focando principalmente no pixo e no grafite, Rocha e Araújo argumentam que essas escritas antirracistas são um tipo de intervenção política que visa à afirmação de uma identidade inserida em relações de poder. As escritas negras, portanto, seriam um meio de auto-afirmação que se contrapõe às representações hegemônicas de raça. Desse modo, ao mesmo tempo em que estimulam a ação em prol de pautas antirracistas, elas interferem diretamente nos espaços, vistos no artigo como o palco em que se desenvolve a história da sociedade.

Já em “Você nunca mais vai ficar sozinha: autoficção e performance na escrita de Tati Bernardi”, Thauana Mara de Carvalho Silva e Rejane de Souza Ferreira discutem o aspecto performático da escrita autoficcional de Tati Bernardi através de uma análise do romance *Você nunca mais vai ficar sozinha* (2020). As autoras argumentam que essa narrativa embaralha o autobiográfico com o ficcional através de uma escrita essencialmente ambígua e contraditória em que Bernardi se manifesta ao mesmo tempo como autora, narradora e personagem, construindo, em sua própria atuação, um sujeito fragmentado e em crise. O gesto performático se expande com a criação de um *podcast* em que a escritora discute o mesmo tema do romance – a relação entre mãe e filha. A ambiguidade entre o real e o ficcional, portanto, se consolida para além da obra em si, se emaranhando em outros meios e outras linguagens que complicam o jogo que Bernardi estabelece com seu público. Sua performance, que desafia os limites entre o público e o privado, “brinca com a possibilidade de forjar várias identidades que precisam ser vistas, que precisam exibir-se para que continuem existindo”.

É em um outro tipo de embaralhamento, desta vez entre a alteridade e o familiar, que se apoia o artigo “Representações da velhice e da condição humana no conto ‘Nero’, de Miguel Torga”, de Elaine Cristina Rodrigues Aguiar e Olivia Aparecida Silva. Como as autoras argumentam, a representação do cão Nero no conto de Miguel Torga, apesar de se dar através do ponto de vista do próprio animal, funciona como um reflexo da própria condição humana, principalmente no que diz respeito ao desamparo da velhice e à perda do valor social do indivíduo quando este deixa de produzir. Ao traçar o trajeto de Nero, de bom caçador a velho

ção da família praticamente abandonado, a narrativa desenvolve uma crítica à maneira como a sociedade mede a dignidade pela utilidade, denunciando práticas de marginalização e abandono. Miguel Torga utilizaria, assim, um estilo conciso e de forte carga simbólica para realizar uma reflexão ética sobre o valor da vida e da dignidade, bem como da empatia e do cuidado com o outro.

Finalmente, em “A sombra do Velho Sul e os papéis de gênero em *A Balada do Café Triste*, de Carson McCullers”, Pedro Felipe Martins Pune parte do conceito de heterossexualidade compulsória de Judith Butler e das definições de grotesco propostas por Wolfgang Kayser e Victor Hugo para discutir como a protagonista da novela de McCullers desafia as noções tradicionais de feminilidade em meio à sociedade extremamente tradicional e nostálgica do Sul dos Estados Unidos. No argumento de Pune, o grotesco serve ao mesmo tempo como estética e crítica ao se tornar, por um lado, um reflexo da desordem e, por outro, uma “denúncia da correspondência forçada entre sexo biológico e comportamento”. Assim, o “fracasso final da protagonista não deve ser lido como um retorno à ordem, mas como a consequência trágica de ter exposto as engrenagens da norma”. Ao ser representada como um ser grotesco, ela se torna símbolo de resistência frente à sociedade patriarcal que busca normatizá-la ao lhe impor uma perfeita correspondência entre “corpo, gênero e desejo”.

## Referências

CHAKRABARTY, Dipesh. Climate and Capital: On Conjoined Histories. **Critical Inquiry**, v. 41, n. 1, p. 1-23, 2014. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/10.1086/678154>. Acesso em: 27 set. 2025.

DANOWSKI, Déborah; CASTRO, Eduardo Viveiros de. **Há mundo por vir?** Ensaio sobre os medos e os fins. Florianópolis; São Paulo: Cultura e Barbárie Editora; Instituto socioambiental, 2015.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. **Dialectics of Enlightenment: Philosophical Fragments**. Tradução de Edmund Jephcott. Stanford: Stanford |University Press, 2002.

STENGERS, Isabelle. **No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se aproxima**. Tradução Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2015. Livro eletrônico.

TALLY JR., Robert T. Welcome to the Teratocene: Morbid Symptoms at the Present Conjunction. In: TALLY JR., Robert T. **The Fiction of Dread: Dystopia, Monstrosity, and Apocalypse**. New York; London: Bloomsbury Academic, 2024. p. 79-101.

TSING, Anna; SWANSON, Heather; GAN, Elaine; BUBANDT, Nils (orgs). **Ghosts of the Anthropocene: Arts of Living on a Damaged Planet.** Minneapolis; London: University of Minnesota Press, 2017.

WARE, Bem. **On Extinction: Beginning Again at the End.** London; New York: Verso, 2024.